

O GOLFE E O RUGBY NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGADO ESPORTIVO?

Thiago Weigert Stachveski¹; Ana Paula Cabral Bonin¹; Gilmar Francisco Afonso¹

Resumo: Os Jogos Olímpicos são, de certa forma, especiais. Cada edição com a sua particularidade, desde a cultura local, até resultados esportivos expressivos. Muitas cidades do mundo tentam sediar os Jogos, mas poucas efetivam esse privilégio. O Rio de Janeiro foi a cidade escolhida para sediar a edição de 2016 proporcionando visibilidade e investimentos ao Brasil, além de incluir o Golfe e o Rugby como modalidades olímpicas. Ambos os esportes são o foco deste estudo, cujo objetivo é identificar, a partir da oficialização do Golfe e Rugby como modalidades olímpicas, as medidas tomadas pelos três níveis de governo no que se refere a estrutura física, aporte financeiro e legado olímpico. O presente artigo possui caráter qualitativo e está enquadrado como uma revisão bibliográfica. Os dados coletados possuem um recorte de 10 anos, entre 2009 e 2019, no qual o assunto principal foram os Jogos Olímpicos Rio 2016 buscando analisar desde o processo de candidatura até o seu legado. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Como conclusão, encontramos que foram realizadas as obras a tempo para a execução dos eventos. No entanto, é importante ressaltar que, junto com a euforia pós Jogos Olímpicos, a estrutura também está, aos poucos, se esvaindo do conhecimento público do estado e da população, seja por abandono ou falta de apoio, as tentativas de manutenção das estruturas, muitas vezes, são em vão.

Palavras-chave: golfe; rugby; políticas públicas

Afiliação

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba – PR - Brasil

GOLF AND RUGBY AT RIO 2016 OLYMPIC GAMES: PUBLIC POLICIES AND SPORT LEGACY?

Abstract: The Olympic Games are in several ways special. Each event with its own peculiarity, from the local culture, to the expressive sports results. Many remarkable cities worldwide have tried hosting the Games, however very few of them have accomplished this privilege. Rio de Janeiro was selected to host the 2016 edition, bringing to Brazil visibility and financial investments, as the organization included to the Olympic Games – Golf and Rugby. These two sports represent the central focus of this study, where the main objective is to identify, from the moment which Golf and Rugby became official olympic sports, the measures taken by the three levels of government in terms of the infrastructure built, the financial support provided and the Olympic legacy. This article is mainly qualitative in nature and it is structured as a literature review. The data used is from a span of 10 years (2009 to 2019), whose focus are the Rio 2016 Olympic Games from the candidature process to the legacy remaining after the completion of the games. In order to accomplish this, the data collected has gone through a content analysis. As the key findings of this study, we have found that the structure was built in time to host the event. It is meaningful, however, to point out that as is the case with the euphoria of the Olympic Games, the structures are also fading away from the minds of the population and the government as the time passes. Due to a lack of financial support or total neglect, the initiatives or attempts to maintain those structures in use are, in most cases, in vain.

Key words: golf; rugby; public policies

Introdução

Um dos eventos mais simbólicos, pacíficos, democráticos e ancestrais ainda realizados nos tempos modernos, sem dúvidas, são os Jogos Olímpicos. Desde a Grécia antiga, nos primórdios de um evento com delineamentos religiosos de culto aos deuses gregos, o esporte tomava seu papel central na sociedade, trazendo paz e trégua para as guerras entre Cidades Estado gregas¹. Atualmente, seu porte aumentou significativamente tendo em vista, principalmente, o aumento do público espectador e telespectador, a estrutura construída, o número de nações, bem como de atletas participantes².

Estar em uma edição olímpica significa, para os atletas, estar no hall dos melhores do mundo de todos os tempos; para empresários e suas empresas, ser um dos patrocinadores e estar presente no programa TOP (*The Olympic Partners*), ou seja, significa muito mais que ter sua marca presente em sites e banners oficiais e estampar os anéis olímpicos em seus produtos³; além disso, os valores éticos, morais e o simbolismo que representa a Carta Olímpica do Barão Pierre de Coubertain agregam valores imensuráveis⁴.

No entanto, para que tudo isso ocorra, as cifras de patrocinadores atingem valores cada vez maiores a cada edição olímpica. Esse valor chegou a 1 bilhão de dólares nos jogos Rio 2016⁵. Segundo Taylor⁶, os contratos de 4 anos chegam a 200 milhões de dólares, enquanto, recentemente, a Panasonic assinou prontamente um contrato de 8 anos com valor de 350 milhões de dólares. Sedar os Jogos Olímpicos é colocar a cidade sede no mapa mundial, ser lembrada pela eternidade como um palco global e com uma identidade consolidada⁴. Tóquio será a sede dos XXXII Jogos Olímpicos em 2021 (excepcionalmente a ser realizada um ano após o programado devido à pandemia do novo Coronavírus – COVID-19), após 57 anos desde a outra vez em que sediou o evento, ou seja, em 1964⁷.

Durante ciclos olímpicos (período entre as edições olímpicas), reuniões e eleições de cidades-sede ocorrem, e junto desses momentos há também a definição de quais modalidades estarão presentes nos próximos Jogos Olímpicos, o que gera competitividade e, consequentemente, disputas durante esse período anterior ao anúncio da escolha. Durante as Olimpíadas do Rio 2016, foram incluídos o Golfe e o Rugby, ambos os esportes não são “novidades olímpicas”, haja vista que suas primeiras aparições foram nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900 e retornaram atualizadas aos Jogos Olímpicos mais recentes⁸.

O presente estudo abrange o ciclo olímpico retrasado (2012 – 2016) referente aos Jogos Olímpicos Rio 2016. Sendo assim, pergunta-se, a partir da oficialização do Golfe e Rugby como modalidades olímpicas, quais foram as medidas tomadas pelos três níveis de governo no que se

refere a estrutura física, aporte financeiro e legado olímpico? Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é identificar, a partir da oficialização do Golfe e Rugby como modalidades olímpicas, as medidas tomadas pelos três níveis de governo no que se refere a estrutura física, aporte financeiro e legado olímpico.

Metodologia

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa cujo objetivo é explicar a essência do fenômeno em questão através da descrição dos fatos e interpretação do conteúdo, sem a intenção de quantificar valores ou utilizar de representações numéricas^{9,10}. Esse estudo se enquadra no âmbito da revisão bibliográfica, definida por Thomas, Nelson e Silverman⁹ como o tipo de pesquisa que, através do levantamento da literatura disponível, analisa, avalia e integra a literatura publicada, proporcionando importantes conclusões sobre um tópico específico. Foram utilizados livros, artigos científicos, periódicos, trabalhos de conclusão de pós-graduação, publicações e documentos disponibilizados nos respectivos sites oficiais do Ministério do Esporte, Comitê Olímpico Internacional, Rede Nacional do Esporte, Confederações Brasileiras de Golf (CBG) e de Rugby (CBRu), além de consultas ao acervo de instituições privadas, tais quais: Forbes, Revista Veja, O Globo, G1, Sportv, Globo Esporte e Portal do Rugby.

Os dados coletados têm como assunto os Jogos Olímpicos Rio 2016, sendo escolhidos e analisados desde o seu processo de candidatura até o período que condiz ao seu legado atual, ou seja, compreendendo um intervalo de 10 anos, entre 2009 e 2019. A partir da teoria de Bardin¹¹ da análise de conteúdo, os dados foram selecionados e interpretados de forma qualitativa, sem utilizar da frequência que um fato aparece na literatura, e sim com o objetivo de deixar explícito e esclarecido o fenômeno em questão.

Segundo a base de dados do Inteligência Esportiva, 5 trabalhos tratam dos Jogos Olímpicos Rio 2016, sendo que apenas 2 tratam sobre uma previsão de um provável legado olímpico. Quando pesquisados os termos Golfe e Rugby, foram encontrados 3 e 25 resultados, respectivamente. No entanto, nenhum dos resultados tem como tema, sequer citam ou mostram de forma explícita, a inserção nas Olimpíadas. Por outro lado, 3 estudos relacionados foram encontrados. Elias e Freitas¹² tratam da perda do espaço público para a iniciativa privada, e em seu trabalho citam a construção do campo de Golfe numa reserva ambiental. Luz e Leite¹³, tratam em seu trabalho exclusivamente sobre tal construção mostrando como as políticas ambientais são deixadas de lado. Por último, Moraes e Silva, Mezzadri, Souza e Souza¹⁴ tratam

da relação do governo e da Confederação Brasileira de Rugby e o financiamento público para o esporte.

Ainda dentro do recorte temporal (2009 – 2019), no acervo da Revista Veja, foram utilizadas diversas terminologias para coleta de dados, porém, as que trouxeram resultados mais consistentes para a pesquisa foram: “Golfe Rio 2016” e “Rugbi Rio 2016”. Os resultados trazidos representaram um total de 119 notícias reportadas, sendo que 75 foram encontradas para o golfe e 44 para o rúgbi. No entanto, no escopo de candidatura a legado 4 foram relevantes para a pesquisa quando o assunto era golfe e 7 cujo tema era o rúgbi.

Discussão

As promessas Rio 2016 para o Golfe e o Rugby

Segundo Consetino e Monteiro¹⁵, a estimativa de gastos era de R\$ 28,8 bilhões em 2009, no entanto, o valor chegou a R\$ 43 bilhões destinados ao evento. De acordo com a teoria dos campos¹⁶, o campo é um espaço social autônomo, em que seus agentes e instituições estão em constantes disputas por capitais. Na situação dos Jogos Olímpicos Rio 2016, os agentes e instituições são representadas pela Presidência da República, o então Ministério do Esporte, o Comitê Olímpico Internacional, o Comitê Olímpico do Brasil e Organizador, a mídia, dentre outras cada qual com objetivos específicos

Consultando os dossiês de candidatura criados previamente aos Jogos, é possível compreender algumas das principais promessas do Comitê Organizador. O objetivo, de forma geral, era o crescimento financeiro de forma contínua, através de uma nova infraestrutura urbana sustentável e se preparando também para a inserção de possíveis novos esportes, analisando as melhores possibilidades para futuras instalações¹⁷. Como resultado desses fatores, a expectativa de uma maior visibilidade internacional, não só da cidade, mas também das comunidades, com o objetivo de integrar os jovens de comunidades carentes através do esporte em projetos sociais, aproximando-os cada vez mais do evento principal^{18,19}. Em paralelo a isso, ocorreu uma despolitização da cidade, ou seja, grandes investimentos no espaço público foram transformados em propriedades privadas como shoppings e hotéis. Os investimentos foram realizados sem consulta à população sobre o que realmente era necessário, sobre a vontade da população, atendendo somente às demandas autoritárias do Comitê Olímpico Internacional¹⁷.

No Plano de Políticas Públicas, criado 2 anos antes dos Jogos, com a iniciativa das esferas do governo estadual e federal, e nos planos de Legado²⁰ são encontradas informações

específicas em relação à herança Olímpica sobre o transporte público, melhora estrutural na cidade, melhoria no saneamento, utilização e desmonte de estruturas esportivas, mas nada foi encontrado nos documentos oficiais em relação ao futuro do Golfe e do Rugby num momento pós Jogos Olímpicos, nem se tratando da utilização da estrutura, tampouco na rede nacional de treinamento e iniciação de base dessas modalidades.

Com a proposta de ser o primeiro campo de Golfe público nos padrões internacionais, o campo conta com uma área aproximada de 970 mil m² a um custo de R\$ 60 milhões de reais²¹. Tido como exemplo e único legado preservado, a estrutura é a sede de projetos sociais relacionados à modalidade e, por ser uma estrutura pública, está disponível para acesso livre do público, desde outubro de 2016, porém, para jogar está sujeito ao pagamento de tarifas condizentes à aluguel do espaço e/ou equipamentos^{22,23,24,25}.

Já para o Rugby, o Plano de Políticas Públicas de âmbito federal, cita a instalação de um centro de treinamento na cidade do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que após os jogos faria parte da “Rede Nacional de Treinamento que o Ministério do Esporte está estruturando em todo o país e que constitui o maior programa de requalificação da infraestrutura esportiva do Brasil em mais de 50 anos”^{26,27}.

Para a realização dos jogos, o dossiê aponta para a reforma e modernização do estádio de Futebol do Vasco da Gama, o São Januário, porém a documentação não foi entregue a tempo^{28,29}. Logo, foi decidido por uma estrutura temporária, a qual foi instalada no Complexo Esportivo Deodoro, construído para o Pan-Americano, em 2007. Os valores de orçamento ultrapassam a cifra de 800 milhões de reais os quais foram destinados, pelos governos federal e municipal, para reforma do Complexo que hospedou as competições do Rugby e mais outros 9 esportes^{30,31,32}.

Políticas públicas, Megaeventos esportivos e legado esportivo

Para a realização de um evento com tamanhas proporções, como são os Jogos Olímpicos, é necessária uma articulação entre os principais responsáveis: governo federal, estado, município, Comitê Olímpico Brasileiro e Internacional, além dos órgãos organizadores; ainda nesse sentido, é preciso compreender as fases do ciclo da política pública descrito por Frey³³. Grosso modo, são 5 fases que possuem como objetivo ilustrar um plano ideal de ações políticas que consiste inicialmente em definir problemas nos quais a ação política se faz necessária; formulação da agenda (*agenda-setting*) que significa a adição do problema à pauta

política de acordo com a sua urgência; a elaboração de programas, ou seja, o planejamento e tomadas de decisões; a implementação destes; enfim, a análise posterior de tais projetos buscando falhas a serem corrigidas em ações futuras³⁴.

Analizando o ciclo da política pública e aplicando-o nas Olimpíadas Rio 2016 compreende-se num plano ideal a fase inicial, de definição de problemas, pode-se citar, por exemplo, a análise dos esportes olímpicos e, conseqüentemente, a busca de locais para as competições olímpicas. Seguindo, entra para discussão em pauta política quais locais apresentam padrões olímpicos e possibilitam a presença de público, seja em estruturas temporárias ou permanentes. Logo após, inicia-se a terceira fase, de planejamento, na qual é estudada a necessidade de adaptar e/ou reconstruir locais existentes, ou a construção de novas estruturas. Na implementação ocorre então as obras necessárias planejadas e definidas anteriormente. Para avaliação de acertos e erros, tem-se o legado olímpico, período após os jogos, no qual se analisa o que planejado com o que foi realizado.

Ainda nos dias atuais, a definição e esclarecimento do termo “megaevento” na literatura nacional acaba por ser superficial e os estudos são limitados³⁵. Para Hall³⁶, a definição de megaevento parte da ideia de um evento breve, de resultados permanentes para os anfitriões e com construção de infraestrutura afim de proporcionar comodidade para o mesmo, além de envolvimento financeiro público, grande número de espectadores e cobertura televisiva em um mercado alvo. Para Marchi Júnior e Souza³⁷, a definição de megaeventos esportivos é feita a partir da compreensão do simbolismo deste, o qual é capaz de aderir novos consumidores globais através do esporte, ignorando barreiras culturais e econômicas, mobilizando diversos campos sociais para a execução do evento, sejam eles político, esportivo e/ou econômico.

No que se refere ao legado, trata-se de uma relação custo x benefício multifatorial, multidisciplinar e dinâmico, em que, nesse caso, os custos são as necessidades e os investimentos financeiros utilizados para realização dos Jogos Olímpicos e os benefícios resultam desses investimentos que ficam para a posterioridade, após o término do evento³⁴. Na descrição de Reader³⁸, legado é tratado como bens materiais, que é toda a parte estrutural, como estruturas esportiva e a vila dos atletas, até facilidades que viabilizam o projeto como segurança, melhoria na acessibilidade urbana, transporte, lazer, turismo etc. E bens imateriais, como o aumento na produção de conhecimento atrelados ao evento, capacitação de profissionais, estímulo à prática esportiva, melhora da visão acerca da cidade pelos habitantes e turistas, entre outros. O bens materiais deveriam passar por um processo de quantificação a partir de uma análise orçamentária, seja ela pública ou privada, podendo avaliar de forma aprofundada o

desempenho da economia local e locais mais beneficiados pelos Jogos, e de qualificação junto à população através de estudos e entrevistas, que, no entanto, não ocorrem devido aos custos e/ou sentimento de “missão cumprida” ao finalizar o evento. Ligando essas definições aos Jogos Olímpicos, DaCosta³⁹ e Tavares³⁴ separam o legado como tangível (infraestrutura e melhorias) e intangível (impacto cultural). Ao tratar dos jogos Rio 2016, segundo o *International Olympic Committee*⁴⁰, nos arquivos de candidatura da cidade para a eleição dos jogos, estes não contemplavam propostas de legado social. No entanto, nas palavras de George Hilton, Ministro do Esporte em 2016, não há possibilidade de que existam estruturas ociosas no legado olímpico⁴¹.

O Golfe e seu espaço próprio

O Golfe Olímpico é disputado da mesma maneira que os campeonatos profissionais, modo conhecido como *stroke play*. Resumidamente, a Confederação Brasileira de Golfe⁴² explica que o campo de competições internacionais consiste em 18 buracos, os quais os golfistas devem finalizar no menor número de tacadas. A competição dura 4 dias, utilizando o mesmo percurso, ou seja, o campeão acaba por ter que competir por 72 buracos. Partindo desse fato, pode-se inferir que a área necessária para competição deve ser bem abrangente. Segundo a HURDZAN⁴³, é necessário cerca de 120 a 200 acres (48,5 a 80,9 hectares) de área utilizável para o percurso.

Nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o campo utilizado foi o do *Rio Olympic Golf Course* construído para o evento em questão. Mesmo com outros 2 campos de Golfe na cidade, declarados inaptos pelo Comitê Olímpico Internacional, a construção de um terceiro campo foi “viabilizada” em uma área de preservação ambiental¹². Essa viabilidade é resultado de um rebaixamento do grau de proteção ambiental, indícios de ilegalidade no licenciamento e favorecimento de leis ambientais aos interessados proporcionais à degradação do ecossistema que era preservado no local¹³. Alvo de disputas judiciais por conta de inconformidades ambientais, o campo de golfe sofreu atrasos e preocupou a organização dos Jogos, pois havia um evento teste marcado em 2015. No fim, o campo acabou por ser construído na reserva de Marapendi, na Barra da Tijuca, mesmo com a suspensão das obras pelo Ministério Público^{44,45}.

O *Rio Olympic Golf Course* tem uma estrutura disponível de 1 milhão de m² (equivalente a 100 hectares)⁴⁶ e construído a um custo de 60 milhões de reais em uma parceria público-privada em que o investimento foi exclusivamente privado²¹. Sua estrutura, por mais

bela que seja e reconhecida como um dos melhores campos de Golfe do mundo⁴⁷, passa por dificuldades financeiras⁴⁸. Mesmo com a verba repassada pelo Comitê Olímpico Brasileiro e liberação para o público sob um custo de utilização, os custos para manutenção são muito altos.

Apesar da estrutura exemplar, o complexo olímpico de Golfe, construído sob polêmicas, ainda não foi utilizado para grandes eventos ou por um número significativo de usuários que justificassem sua construção. Uma das alternativas à construção do campo e medida que poderia ser tomada, seria adaptar um dos campos já existentes ou então reduzir o tamanho do projeto podendo até ser feito no mesmo local ou em outro para que não afetasse o ecossistema que ali residia. Apesar da entrada franca, o valor para jogar uma volta completa é inicialmente de R\$ 410,00 se já possuir os equipamentos e dispensar o *cart*, valor que pode evoluir de acordo com a necessidade de cada material. Até 2017, a contrapartida social que foi prometida como legado não havia saído do projeto, até então⁴⁹. Em 2017, o campo de golfe estava sob supervisão e cuidados da Confederação Brasileira de Golfe, com prejuízos e sem os R\$ 4 milhões prometidos pelo Comitê Rio 2016/50. Em 2018, houve a implementação de alguns projetos. Há um apadrinhamento de novos atletas como o “Programa Mantenedor” que tem 14 “padrinhos” que auxiliam jovens financeiramente e tecnicamente⁵¹. Também dentro do clube há o “Programa Golfe que te quero Golfe nas Escolas”, com o objetivo de conscientização ambiental, incentivo à prática do esporte e inclusão social⁵².

Rugby – Estrutura planejada ou improvisada?

O Rugby, nos Jogos Olímpicos Rio 2016, teve sua competição realizada no Complexo Esportivo Deodoro e os valores para a adaptação do local, construído para os Jogos Pan-Americanos de 2007, ultrapassaram os 800 milhões de reais^{27,53,54}. Ao pesquisar sobre as estruturas de treinamentos dos Jogos Olímpicos Rio 2016, o Centro de Treinamento descrito no Dossiê Federal²⁷, conhecido como o campo de Rugby da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi adaptado exclusivamente para os Jogos. Seu valor exato também não foi divulgado, mas faz parte do investimento de R\$ 61,3 milhões de reais que inclui a construção do campo de Rugby, dois campos de Hóquei sobre a grama, reforma da piscina, estrutura de vestiários e acessibilidade²⁶.

O dossiê apontava primeiramente para a utilização do Estádio de Futebol do Vasco da Gama, o São Januário, para a realização da competição, porém, a documentação não foi entregue a tempo. Sendo assim, foi sugerido pelo comitê organizador a utilização do estádio do

Engenhão (palco do atletismo), assim como o Estádio Moça Bonita, em Bangu, os quais foram descartados^{28,55,56,57}. A Arena de Rugby no Estádio Deodoro foi construída com uma estrutura temporária, com capacidade para 15 mil pessoas, foi financiada pelo governo federal, executada pela prefeitura e inaugurada em março de 2016^{30,31}. Apesar de todo o atraso nas obras, o complexo foi entregue a tempo, é verdade, mas por todo o período foi a estrutura com maiores indefinições e que mais preocupava tanto o COI como o Comitê Organizador Rio 2016 havendo garantias de entrega no prazo por parte da construtora^{53,54,55,56,57}. Já o campo da UFRJ para treinamentos, segue o padrão da Federação Internacional de Rugby, com a grama natural em uma área de 120 metros de comprimento por 78 de largura, possui drenagem, iluminação e irrigação. Até 2016, a responsabilidade pela manutenção era toda do Ministério do Esporte, passando em seguida para a Universidade²⁶.

Após os Jogos Rio 2016, o Clube de Regatas Flamengo de Futebol demonstrou interesse na utilização da Arena de Rugby para enviar seus mandos de campo para a estrutura, após as devidas adaptações. No entanto, como a responsabilidade pela montagem e, inclusive, desmontagem era da Prefeitura, a remoção das arquibancadas ocorreu em setembro de 2016 tornando então praticamente inviável a utilização do mesmo pelo clube^{58,59}. Construído em área militar, parte do complexo conta com estrutura permanente, nos quais ainda são realizados outros eventos esportivos. Os governos federal e municipal auxiliam financeiramente o exército com parte dos gastos de manutenção³².

Em relação ao campo de Rugby da UFRJ, a intenção principal era de complementar a Rede Nacional de Treinamento. Havia a possibilidade também de realizar projetos para a comunidade, numa parceria entre a Escola de Educação Física e Desportos da Universidade e a Prefeitura, para crianças que frequentavam a escola municipal, além dos convênios com a Confederação Brasileira de Rugby (CBRu), a qual, segundo Cordeiro⁶⁰, poderia arcar com os custos de manutenção a partir de 2017. Moraes e Silva et al.¹⁴ descrevem a sazonalidade dos investimentos do Estado no esporte, com a proximidade dos Jogos Olímpicos foram arrecadados e investidos em estrutura, centro de treinamento, estádio, iniciativas de incentivo ao esporte e apoio às federações. No entanto, após finalizado o contrato com o Ministério do Esporte, em março de 2017, o campo encontrou-se em estado de abandono. Houve uma iniciativa por parte da Federação Fluminense de Rugby (FFRu) que buscou uma parceria com a UFRJ para o período de julho a dezembro para manutenção do campo. A intenção era de conseguir da iniciativa privada auxílio financeiro para dar continuidade ao trabalho após esse período⁶¹. Fato que não aconteceu em 2018, logo, o status de abandono do campo retornou com

a falta de cooperação, acordo e desarticulação entre as instituições (UFRJ, FFRu e a CBRu)⁶².

Conclusão

A partir dos dados apresentados é possível concluir que as medidas necessárias para realização dos eventos esportivos de Golfe e Rugby nos Jogos Olímpicos Rio 2016 foram tomadas. Apesar da construção, facilitada pelo governo, do campo de Golfe em uma área de preservação ambiental (a situação se encontra na justiça) e das dificuldades financeiras para realizar manutenções, o valor de R\$ 60 milhões de reais partiu da iniciativa privada, com a obra sendo entregue dentro do prazo. O Golfe é tido como um esporte de elite, o alto custo dos equipamentos e a necessidade do praticante ser associado a um clube para poder jogar, o torna inviável para grande parte da população. Alguns dos pontos positivos do *Rio Olympic Golf Course* se baseiam no fato deste espaço ser um dos poucos campos de Golfe públicos do Brasil, se não o único com tais proporções. O local abre as portas do Golfe à população, com a possibilidade de alugar todo e qualquer equipamento para a prática, fazer aulas e jogar no campo oficial dos Jogos Olímpicos. Caso, quem for utilizar o campo já possuir os materiais, será necessário o pagamento apenas da taxa de utilização. A grande questão é para com quem não possui os equipamentos necessários, ou seja, será obrigatório o aluguel de tacos e bolas. Nesse sentido, o campo acaba saindo muito caro para quem busca apenas diversão e entretenimento. Ainda assim, estão à disposição alguns projetos sociais para crianças de escolas municipais conhecerem o Golfe e um programa de apadrinhamento para ensinar e treinar futuros atletas.

No caso do Rugby, o aproveitamento de uma estrutura pré-existente dentro de uma estrutura militar no bairro Deodoro, de certa forma, reduziu os custos que não foram divulgados. Local de responsabilidade militar, e auxílio financeiro do governo, não possui mais a Arena de Rugby que foi desmontada pela prefeitura, responsável pela estrutura. Por um lado, é conveniente reduzir a responsabilidade, tanto militar como do governo, de transformar tal local em legado olímpico. Por outro lado, a “não transformação” em legado olímpico, cujo gasto foi pertinente, retira da população uma estrutura que poderia ser utilizada, seja em forma de lazer, entretenimento ou até de treinamento e eventos esportivos. Em relação ao Campo de Treinamento da UFRJ, este poderia ter múltiplas funções, já que possui padrões e medidas oficiais internacionais e está localizado em uma Universidade Federal, podendo ser utilizado para jogos, treinamentos de atletas e equipes, utilização da sociedade como forma de lazer e aprendizado e, ainda, fonte de pesquisas científicas na área da educação física. Mas as tentativas de manutenção foram em vão, devido a alta burocracia e a desarticulação entre os interessados,

o que deixou o campo abandonado, sem previsão para reestruturação.

Seria injusto dizer que não houveram melhorias na cidade do Rio de Janeiro no período pós Jogos Olímpicos. Todavia, o legado parece que, aos poucos, está esmaecendo junto com a euforia dos Jogos. Imediatamente após o evento, as tratativas de utilização e acordos de manutenção para as estruturas estavam surgindo, assim como os projetos sendo aplicados. O que nos remete ao ciclo da política pública, na fase de avaliação, na qual se deve aprender com os erros e corrigi-los mantendo os acertos, para que no futuro, não tão próximo, novos megaeventos esportivos no Brasil gerem maiores legados à população.

Referências

1. Freire, Marcus Vinicius; RIBEIRO, Deborah. Ouro olímpico: A história o marketing dos aros. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
2. Settimi, Christina. The 2016 Rio Summer Olympics: By The Numbers. [S.l.] FOR-BES, 2016. Disponível em: < <https://www.forbes.com/sites/christinasettimi/2016/08/05/the-2016-summer-olympics-in-rio-by-the-numbers/#65a4714ffa18> >. Acesso em: 8 janeiro 2019.
3. Jennings, Andrew; SIMSON, Vyv. Os senhores dos anéis. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Editora Best Seller, 1992.
4. Payne, Michael. A virada olímpica: como os Jogos Olímpicos tornaram-se a marca mais valorizada do mundo. Tradução de Dayse Batista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
5. International Olympic Comittee. Marketing Report Rio 2016. [S.l.] 2016. Disponível em < <http://touchline.digipage.net/iocmarketing/reportrio2016/1-1> >. Acesso em: 15 fevereiro 2019.
6. Taylor, Charles R. Sponsorship And Advertising Trends In The 2016 Rio Olympic Games: Three Things To Watch For. [S.l.] FORBES, 2016. Disponível em: < <https://www.forbes.com/sites/onmarketing/2016/08/04/sponsorship-and-advertising-trends-in-the-2016-rio-olympic-games-three-things-to-watch-for/#5d8113f118c7> >. Acesso em: 17 fevereiro 2019.
7. Tokyo Organising Committee. Japan Unites to Celebrate the 50th Anniversary of the Tokyo

1964 Games. [S.l.] Tokyo 2020, 2014. Disponível em: < <https://tokyo2020.org/en/news/event/20141010-01.html> >. Acesso em: 10 Fevereiro 2019.

8. International Olympic Committee. Golf and rugby - new kids on the block. [S.l.] 2016. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/golf-and-rugby-new-kids-on-the-block> >. Acesso em: 14 janeiro 2019.

9. Thomas, Jerry R.; Nelson, Jack K.; Silverman, Stephen J. Métodos de pesquisa em atividade física. São: Artmed, 2012. 6. ed.

10. Gerhardt. Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

11. Bardin, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.

12. Elias, Roberto Vilela; Freitas, Ricardo Ferreira. Rio Olímpico: a mercantilização da cidade e o declínio do espaço público. [S.l.] INTERIN, v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: < <https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/519> >. Acesso em: 14 janeiro 2019.

13. Luz, Cícero Krupp Da; LEITE, Robson Soares. O estado de exceção nos jogos olímpicos rio-2016: a violação de direitos ambientais no caso do campo de golfe. Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global, [S.l.], 2016. v. 4, n. 2, p. 88-112. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/REDESG/article/view/20829> >. Acesso em: 20 fevereiro 2019.

14. Moraes e Silva M, Mezzadri FM, Souza DL de, Souza PM de. O financiamento público do rugby brasileiro: a relação governo federal e Confederação Brasileira de Rugby. JPhysEduc [Internet]. 20º de abril de 2015 [citado 28º de novembro de 2019]; 26(2):213-22. Disponível em: < <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/24586> >

15. Cosentino, Renato; Monteiro, Poliana. Projeto orçamento e (des) legados olímpicos. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2017.

16. Bourdieu, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

17. Comitê Rio 2016. Dossiê de Candidatura Rio 2016. Rio de Janeiro: Ministério do Esporte, 2009. Volume 1, 2 e 3.

18. Damo, Arlei Sander; Oliven, Ruben George. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 19, n. 40, p. 19-63, jul./dez. 2013. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ha/a/qHQfBXnjGPgWc4VrbTDcBJs/?lang=pt&format=pdf> >. Acesso em 15 julho 2021.

19. Curi, Martin a disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 19, n. 40, p. 19-63, jul./dez. 2013. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ha/a/B67n46VqMP9xn9kDn7MsDXp/?lang=pt&format=pdf> >. Acesso em 15 julho 2021.

20. Rede Nacional Do Esporte. Legado. [Rio de Janeiro], 2016. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/legado> >. Acesso em: 9 fevereiro 2019.

21. Felizola, Ana Cláudia. Campo Olímpico de Golfe é entregue ao Comitê Rio 2016. Rio de Janeiro: Rede Nacional do Esporte, 2015. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/campo-olimpico-de-golfe-e-entregue-ao-comite-rio-2016> >. Acesso em 12 fevereiro 2019.

22. Confederação Brasileira De Golfe. Legado olímpico, Campo de Golfe recebe primeiro torneio oficial em setembro. [S.L.] [2016]. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/legado-olimpico-campo-de-golfe-recebe-primeiro-torneio-oficial-em-setembro> >. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

23. Terra. Campo de Golfe Olímpico é o único legado preservado das Olimpíadas. 21 Abril 2017. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/dino/campo-de-golfe-olimpico-e-o-unico-legado-preservado-das-olimpiadas,6f64f32aa96f5dc42886dd1f1c83d4aapfe4kaod.html> >. Acesso em 10 Julho 2019.

24. Terra. Projeto Social desenvolvido pelo Campo Olímpico de Golfe é um verdadeiro legado olímpico. 27 novembro 2017. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/dino/projeto-social-desenvolvido-pelo-campo-olimpico-de-golfe-e-um-verdadeiro-legado-olimpico,0d6e45ab6df00d9bf87e48c304b65d25x86tygit.html> >. Acesso em 10 Julho 2019.

25. Conde, Paulo Roberto; Correia, Ben-Hur. Problema antes da Rio 2016, campo de golfe atrai público e vira exemplo de legado. 7 Agosto 2018. Rio de Janeiro e São Paulo. Disponível em: < <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/problema-antes-da-rio-2016-campo-de-golfe-atrai-publico-e-vira-exemplo-de-legado.ghhtml> >. Acesso em 10 Julho 2019.

26. Ramalho, Victor. Campo de rugby da UFRJ será entregue nessa sexta. [S.l.] Portal do Rugby, 2016. Disponível em: < <http://www.portaldorugby.com.br/noticias/fora-de-campo/campo-de-rugby-da-ufrj-sera-entregue-nessa-sexta> >. Acesso em: 18 fevereiro 2019.

27. Rede Nacional Do Esporte. Plano de Políticas Públicas. [Rio de Janeiro], 2014. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/legado/plano-de-politicas-publicas> >. Acesso em: 9 fevereiro 2019.

28. Ribeiro, Flávia. As lições dos Jogos Mundiais Militares para o Rio de 2016. Rio de Janeiro: Revista Veja, 2011. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/as-licoes-dos-jogos-mundiais-militares-para-o-rio-de-2016> >. Acesso em 15 de novembro 2019.

29. Revista Veja. Em crise, Vasco perde a chance de se beneficiar de 2016. [S.l.] 2012. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/em-crise-vasco-perde-a-chance-de-se-beneficiar-de-2016> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.

30. Rede Nacional Do Esporte. Região Deodoro. [S.l.], [2015?]. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/pt-br/olimpiadas/instalacoes/deodoro> >. Acesso em: 9 fevereiro 2019.

31. Rouvenat, Fernanda. Prefeitura inaugura mais duas instalações olímpicas para a Rio 2016.

Rio de Janeiro: G1, 2016. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/03/prefeitura-inaugura-mais-duas-instalacoes-olimpicas-para-rio-2016.html> >. Acesso em: 8 janeiro 2019.

32. Castro, Carol Oliveira. Dois anos após Rio-2016, gastos com manutenção chegam a R\$ 44 milhões. [S.l.] O Globo, 2018. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/esportes/dois-anos-apos-rio-2016-gastos-com-manutencao-chegam-r-44-milhoes-22950219> >. Acesso em: 13 de fevereiro de 2019.

33. Frey, K. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. Planejamento e políticas públicas, n. 21, p. 211-259, 2000.

34. Maoski, Ana Paula Cabral Bonin. A (des) articulação entre os entes federativos que promovem o esporte de rendimento no brasil, no paraná e em Curitiba. Orientada por Fernando Marinho Mezzadri. Curitiba, 2016. 446 f. Tese (Doutorado em Educa   Física). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Gradua   em Educa   Física. Curitiba, 2016.

35. Tavares, Otávio. Megaeventos Esportivos. Porto Alegre: Movimento, 2011, v. 17, n. 03, p. 11-35.

36. Hall, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). Sports Mega-Events: social scientific analyses of a global phenomenon. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Supplement s2, December 2006. p. 59-70.

37. Marchi Júnior, Wanderley; Souza, Juliano de. Os “legados” dos megaeventos esportivos no Brasil: algumas notas e reflexões. [S.l.]: Motrivivência, 2010. N  34, p. 245-255.

38. Raeder, S vio. Jogos e cidades: ordenamento territorial urbano em grandes eventos esportivos. 2010. Brasília: Ministério do Esporte/ 1  Pr mio Brasil de Esporte e Lazer de Inclus   Social.

39. DaCosta, Lamartine P. et al (Org.). Legados de Megaeventos Esportivos. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.
40. International Olympic Comitee. Olympic Games Rio 2016 - The legacy. [S.l.] 2017. Disponível em < <https://www.olympic.org/news/olympic-games-rio-2016-the-legacy> >. Acesso em: 15 fevereiro 2019.
41. Agência Brasil. Ministro diz que locais da Olimpíada não ficarão ociosos após os Jogos. [S.l.] Veja: 2016. Disponível em: < <https://vejario.abril.com.br/cultura-lazer/ministro-diz-que-locais-da-olimpiada-nao-ficaroo-ociosos-apos-os-jogos/> >. Acesso em: 15 fevereiro 2019.
42. Confederação Brasileira De Golfe. O jogo. [S.L.] [2016?]. Disponível em: < https://www.cbg.com.br/?page_id=13253 >. Acesso em: 20 de janeiro de 2019.
43. Hurdzan, Michael J. Building A Practical Golf Facility: A Step-by-Step Guide To Realizing a Dream. Brookfield: American Society of Golf Course Architects, 2005.
44. Revista Veja. MP recomenda suspender obras do campo de golfe no Rio. [S.l.] 2014. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/mp-recomenda-suspender-obras-do-campo-de-golfe-no-rio> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.
45. Revista Veja. Rio promete entregar obras no prazo algumas mal começaram. [S.l.] 2014. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/rio-promete-entregar-obras-no-prazo-alguas-mal-comecaram> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.
46. Rio Olympic Golf Course. Rio De Janeiro [2019?]. Disponível em: < <http://www.rioogc.com.br> >. Acesso em 9 janeiro 2019.
47. Caballero, Miguel Caro e privado, golfe brasileiro quer deixar de ser esporte de elite. O Globo [S.l.] 2016. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/esportes/carro-privado-golfe-brasileiro-quer-deixar-de-ser-esporte-de-elite-18532835> >. Acesso em 15 janeiro 2019.

48. SporTV. Campo olímpico de golfe já vive crise dois meses após Jogos do Rio 2016. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: < <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2016/10/campo-olimpico-de-golfe-ja-vive-crise-dois-meses-apos-jogos-do-rio-2016.html> >. Acesso em: 10 janeiro 2019.
49. Albernaz, Bruno; Ferreira, Alessandro. Contrapartidas sociais de campo de golfe olímpico ainda não saíram do papel. Rio de Janeiro, Portal G1, 2017. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/contrapartidas-sociais-de-campo-de-golfe-olimpico-ainda-nao-sairam-do-papel.ghtml> >. Acesso em: 10 janeiro 2019.
50. Prado, Thiago; Valesi, Rafael. Legado desolador. [S.l.] 2017. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/revista-veja/legado-desolador> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.
51. Azevedo, Darlan. Campo Olímpico de Golfe traça planos para valorizar legado. O Globo. [S.l.] 2018. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/campo-olimpico-de-golfe-traca-planos-para-valorizar-legado-22853994> >. Acesso em 11 janeiro 2019.
52. Rio Olympic Golf Course. Projetos Sociais. Rio De Janeiro [2019?]. Disponível em: < <http://www.rioogc.com.br/golfe/projetos-sociais/> >. Acesso em 9 janeiro 2019.
53. Revista Veja. Arenas olímpicas de Deodoro vão custar R\$ 804 milhões. [S.l.] 2014. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/arenas-olimpicas-de-deodoro-vao-custar-r-804-milhoes/> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.
54. Revista Veja. Rio inicia obras ‘simples’ em Deodoro por R\$ 643 milhões. [S.l.] 2014. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/rio-inicia-obras-simples-em-deodoro-por-r-643-milhoes/> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.
55. Revista Veja. Nuzman quer definir sedes de rúgbi e hóquei até fevereiro. [S.l.] 2012. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/nuzman-quer-definir-sedes-de-rugbi-e-hoquei-ate-fevereiro/> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.
56. Revista Veja. Rio tem indefinição em 5 palcos de modalidades de 2016. [S.l.] 2013.

Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/rio-tem-indefinicao-em-5-palcos-de-modalidades-de-2016/> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.

57. Revista Veja. COI agenda reunião para ‘evitar mais demora’ na preparação dos Jogos. [S.l.] 2014. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/coi-agenda-reuniao-para-evitar-mais-demora-na-preparacao-dos-jogos/> >. Acesso em: 10 Novembro 2019.

58. SporTV.com. Paes projeta usar Arena de Rugby em novo estádio do Fla: "Quero ajudar". Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: < <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/08/paes-projeta-usar-arena-de-rugby-em-novo-estadio-do-fla-quero-ajudar.html> >. Acesso 12 fevereiro 2019.

59. Gomes, Fred. Arena de rúgbi é desarmada, mas não impede acordo com Fla, diz Ministério. Rio de Janeiro: Globo Esporte, 2016. Disponível em < <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2016/09/arena-de-rugbi-e-desmontada-mas-nao-impede-acordo-com-fla-diz-ministerio.html> >. Acesso em 13 fevereiro 2019.

60. Cordeiro, Andrea. Campo de rúgbi da UFRJ será mais nova instalação da Rede Nacional de Treinamento. [S.l.] Ministério do Esporte, 2016. Disponível em: < <http://esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/55042-campo-de-rugbi-da-ufrj-sera-mais-nova-instalacao-da-rede-nacional-de-treinamento> >. Acesso em: 11 fevereiro 2019.

61. Freire, Maria. Rio de Janeiro comemora a reabertura do Campo Olímpico. [S.l.] Portal do Rugby, 2017. Disponível em: < <http://www.portaldorugby.com.br/noticias/brasil/rio-de-janeiro-comemora-a-reabertura-de-campo-olimpico-do-fundao> >. Acesso em: 18 Janeiro 2019.

62. Ramalho, Victor. O campo da UFRJ: o legado olímpico para o rugby que está perdido. [S.l.] Portal do Rugby, 2018. Disponível em: < <http://www.portaldorugby.com.br/noticias/fora-de-campo/o-campo-da-ufrj-o-legado-olimpico-para-o-rugby-que-esta-sendo-perdido> >. Acesso em: 19 fevereiro 2019.